

O Método Socrático Atualizado: uma Releitura para Melhorar uma Educação Tecnologicamente Correta.

Rogério L. Roth, Ph.D.
Università Ca' Foscari Venezia
Departamento de Ciências Ambientais, Informática e Estatística
Veneza, Italia
Fundação CAPES, Ministério da Educação
posdoctor at gmail.com
rogerio.roth at unive.it

Resumo

Se por um lado a ubiquidade da internet permitiu a invasão de nossas privacidades, também criou uma infinidade de oportunidades de aprendizado e trabalho. Foi desta forma que a Khan Academy começou, para proporcionar uma educação gratuita e de alta qualidade para todos, em qualquer lugar. No entanto, o envolvimento dos clientes poderia ser estimulado através de um método provocativo, conhecido como Socrático, que reflete como a cognição humana tem se desenvolvido. Com certeza é necessária uma releitura, uma renovação para adaptá-lo às necessidades e possibilidades tecnológicas atuais que, de modo inexorável, remete à onipresença dos vídeos e das videoconferências e sem os quais todos os sistemas relacionados à tecnologia digital educacional permanecem indiferentes aos stakeholders. Palavras-chave: discriminação, e-recursos, método socrático, paradoxo, releitura, reciclagem

1. Lições do passado, eventualmente um bônus para o futuro

Até mesmo as soluções didáticas e tecnológicas que podemos considerar corretas e nos trouxeram até os dias de hoje, não serão necessariamente as mesmas que levarão nossa educação ao futuro.

Mais importante do que tentar desenvolver uma nova abordagem, método ou solução seria a efetiva utilização de tudo o que já existe disponível, na maioria das vezes sem custos de aquisição, mesmo tendo sido desenvolvida por outros...

Independente das diversas evoluções e retrocessos, devemos sempre tentar tirar lições do passado, no mínimo, para não repetir os mesmos erros – ainda que cometidos por outros...

Este paper está relacionado a um capítulo homônimo, baseado nos resultados da recente pesquisa “Construindo uma Experiência Imersiva de Aprendizagem a Distância além dos Cursos Online Abertos e Massivos com Webconferência, Método Socrático, Aprendizagem Baseada em Problemas e as Redes Sociais” financiada pela Fundação CAPES.

O projeto foi desenvolvido e submetido à agência financiadora em 2013 e teve início em março de 2014. Contudo, Riffel (2014) publicou um artigo de nome parcialmente similar a este, explorando o “Reloaded”. Não se trata de referência, apenas coincidência.

A inspiração diversa, pode até ter sido lugar-comum, mas é explícita: Matrix Reloaded, uma produção de Silver e Wachowski (2003a), sequência de Matrix (Silver & Wachowski, 1999), onde o sistema de realidade virtual tinha sido recarregado (reinicializado) de uma forma menos perfeita. Ao mesmo tempo, o filme serviu de passagem para uma continuação, uma revolução: Matrix Revolutions (Silver & Wachowski, 2003b), que completou a trilogia de filmes.

Longe desta pretensão – de que o presente texto se transforme em um rito de passagem, divisor de águas ou mesmo leve a qualquer revolução na educação – buscamos apenas uma atualização, uma simples evolução ou mesmo releitura – dependendo do enfoque – não necessariamente de forma menos perfeita, mas que possibilite uma melhor utilização de tudo que já temos acesso, muitas vezes de forma gratuita – e que, nem por isso, utilizamos...

Anteriormente, Gregory (Rebane, 2013) em uma crítica, defende o “sábio no palco” alegando

que abdicar do papel tradicional do professor como “transmissor de conhecimentos” seria o mesmo que o método Socrático reinventado, algo “onde Sócrates não é necessário ou esperado na sala de aula”... Trata-se de declaração absurda, por qualquer ângulo que a questão seja analisada. Hipoteticamente, Sócrates nunca fez o papel do “sábio no palco” – ao contrário – e a escola, em todos os seus níveis, deveria ser um espaço em constante transformação e não de linhas definidas, que permanecem inalteradas.

Sócrates não deixou nenhum registro escrito de sua própria filosofia. Deliberadamente, não legou textos de sua autoria para a posteridade, similarmente ao que teria acontecido com Jesus Cristo e seus apóstolos; ou mesmo Buda. O que achamos que sabemos sobre Sócrates são apenas reflexos providos por diferentes espelhos: os que se consideram discípulos e os que fornecem testemunhos, com e sem relação temporal; os detratores, igualmente próximos ou afastados na linha do tempo, bem como pouquíssimos indícios e relíquias. Nada mais do que pegadas de outros...

Nossos deuses nunca escreveram nada, o que não impede que pseudo-representantes continuamente evoquem a “palavra de deus” (Ancient Aliens, 2008) ou, como no caso, as palavras de Sócrates. “Talvez possamos descobrir a resposta quando abrirmos nossos olhos para a possibilidade de que o que achamos que sabemos é uma ilusão, e o que achamos que é uma ilusão possa na verdade ser real” (Burns, 2013).

De acordo com Moraes (2010), Sócrates preferia o pensar em grupo à reflexão solitária, o diálogo à escrita. Dessa forma, ele sempre poderá ser considerado como um ator cuja faceta histórica aparece envolta em nebulosidades, característica de tudo o que pensamos que percebemos de um passado remoto. As principais fontes da antiguidade grega viriam através de três diferentes visões: o retrato satírico e iconoclastico da comédia as Nuvens (The Clouds, 2001; The Clouds, 2002), dirigida contra os sofistas, que o autor Aristófanes confunde com Sócrates – por este ser o filósofo de maior destaque na época; a visão idealizada e elegíaca nas obras: Memoráveis (Memorabilia, 2005; The Memorable Thoughts of Socrates, 2006), Apologia de Sócrates (The Apology, 1998; Apology, 2005), Simpósio (The Symposium by Xenophon, 1998; Symposium, 2005) e Econômico (The Economist by Xenophon, 1998; Oeconomicus, 2005), todas de Xenofonte – historiador, soldado, mercenário e discípulo de Sócrates; e os numerosos diálogos de Platão (Hare, 2010), outro discípulo, que apresentam Sócrates como protagonista – embora seja questionável se estes textos representam os verdadeiros pensamentos de Sócrates, apenas reflexos dos pensamentos de Platão ou mesmo uma fantástica peça de sua imaginação (Burande, 2015). Alguns autores (Glenn, 1995; Jarratt & Ong, 1995) acreditam que Aspasia teria inventado o método, pois ela teria sido citada por Sócrates como sendo uma das pessoas mais importantes a orientá-lo em seu desenvolvimento filosófico e intelectual, especialmente na arte da retórica (Pownall, 2003).

Tanto no passado como nos tempos atuais, absolutamente nada pode ser considerado como verdade absoluta, definitiva ou mesmo aceita por todos sem questionamentos, controvérsias e discussões. Não concordar ou discordar faz parte da natureza humana e é justamente este método que encontramos desenvolvido nos diálogos socráticos de Platão (Hare, 2010) – onde a verdade nasce da discussão e não de uma verdade anterior afirmada, criada, manipulada ou mesmo forjada.

Hoje em dia, quando nos iludimos que não estamos mais em tempos de inquisição, todos deveríamos ter direito à liberdade de pensamento, de associação e de ideias entre outras. Mas experimente se expor além do que é permitido, contrariar a doutrina dominante, revelar ações criminosas cometidos por países ditos democráticos ou mesmo desafiar algumas verdades criadas – sem nenhuma prova credível que as sustente – em determinados países, mesmo alguns considerados modernos e desenvolvidos, como a Alemanha, cujas prisões estão cheias de professores, investigadores, estudiosos, historiadores e inclusive idosos – mofando por não aceitarem a absurda versão oficial da história reescrita que lhes foi imposta “sem provas”, através de uma lei da mordaza (Hall, 2015). “O Passado é apagado, o que foi apagado é esquecido. A mentira torna-se verdade e logo vira mentira de novo”... .. “O

passado está proibido” (Perry & Radford, 1984).

Um país que não tem liberdade de expressão (ou poderíamos dizer de pensamento – como se isso pudesse ser controlado), não goza de liberdade alguma...

Na opinião de Malcolm X (1963), “Ninguém pode te dar a liberdade. Ninguém pode te dar igualdade ou justiça ou qualquer coisa. Se você é um homem, você tem que conquistá-las”.

Vivemos em um mundo de regras e regulamentos, controlados por determinados grupos, instituições, organismos e governos; onde quaisquer meios alternativos que surjam buscando a proteção e o anonimato dos usuários comuns – como Tor, Bitcoin e Deep Web – serão sempre questionados e discriminados negativamente, com a intenção explícita de desacreditá-los e criminalizá-los principalmente ao relacioná-los com aspectos considerados inconvenientes, dependendo do ponto de vista (Bowyer, 2013). A internet, seja ela aberta ou protegida, sempre será um reflexo do mundo em que vivemos: multifacetado, complexo e imperfeito, com aspectos bons e ruins.

Quando alguns governos utilizam os mesmos meios para executar algumas operações consideradas ilegais, nada acontece – principalmente se o país fizer parte do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Mas quando grupos ou indivíduos fazem denúncias de irregularidades destes mesmos países – de forma pública ou anônima – ou utilizam procedimentos e tecnologias similares, são perseguidos e muitas vezes crucificados. Mesmo quando estas arbitrariedades são condenadas por um painel de especialistas da OHCHR (2016). A ONU e todos os seus apêndices foram estruturas criadas no pós-Segunda Guerra Mundial, apenas para os outros...

Os casos de Julian Assange (WikiLeaks), Edward Snowden (CIA/NSA), Ross Ulbricht (Silk Road), Kim Dotcom (Megaupload/MEGA) e Shawn Fanning (Napster) são totalmente diversos, mas exemplares – quando o sistema se sente ameaçado e tenta esmagar qualquer um que age à margem da ordem dominante. Além disso, a maior surpresa para os incrédulos parece ser a simplicidade tecnológica das técnicas de vigilância dos governos. Para Alex Winter – Deep Web: The Untold Story of Bitcoin and the Silk Road – “Na era digital, nossa privacidade não pode mais ser ignorada. ...Não se pode mais usar o ridículo axioma ‘quem não deve, não teme’” (Wong, 2015). Vivemos em uma era não apenas pós-Snowden, mas principalmente uma era pós-ataque à Sony. Existem diversos paralelos entre os encerramentos do Napster, Megaupload e do Silk Road – quando surgem diversos serviços semelhantes: “Assim que a coisa descentraliza, é game over”.

Revoluções no mundo real ou virtual são sempre vistas como um risco ao sistema dominante. Poderiam ser vistas – não apenas numa retórica bem otimista – como uma oportunidade, mas normalmente não é o que acontece. Isso não é exceção nem na área da educação.

Nos dias atuais, o que imaginamos que possam ser revoluções na área do ensino (Klein, 2011; Konnikova, 2014; Dasgupta, 2015), com raras exceções, são apenas propostas individuais ou de pequenos grupos que não evoluem para um consenso – não são discutidas, não são adotadas, não são praticadas, não são bem-sucedidas – e, quando o conseguem, conquistam este status por outros méritos ou razões, diversas do fato de algum procedimento pedagógico ter sido realmente revolucionado ou sequer evolucionado. Estes eventuais casos de sucesso, que aparentemente desafiam a estrutura vigente, normalmente não se desenvolvem nas universidades e, desta forma, não estão ligados ao status-quo, nem à tradicional venda de conhecimentos realizada por instituições públicas e privadas – ainda que, eventualmente, também pratiquem a venda de conhecimentos. Atualmente são iniciativas criadas sob a infraestrutura da internet, apoiadas fortemente no uso de vídeos e videoconferências, utilizando como argumento mercadológico e abordagens metodológicas a eventual gratuidade, a economia de tempo e a redução do período de estudos.

Se uma imagem pode valer mais do que mil palavras, quando unimos diversas imagens em sequência com palavras, formando um vídeo, estaremos sempre no melhor de dois mundos

(Roth, 2014). O uso intensivo de vídeos e videoconferências pode ser considerado uma tendência a ser seguida por instituições educacionais; recurso válido a ser replicado e um importante diferencial dos ultrapassados sistemas de suporte à educação baseados apenas em Sistema de Gestão da Aprendizagem (SGA) – característicos de uma educação que não se envolve com os alunos, seja ela praticada de forma presencial, combinada ou totalmente à distância. Contudo, vistos de forma isolada, sem um contexto de utilização, lógica de produção, produção interessante de conteúdos (realizada de forma profissional); e metodologias específicas agregadas – como o método Socrático e a Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas (ABRP) – está bem longe de ser considerada como inovação disruptiva.

Sendo iniciativas concorrentes às estruturas estabelecidas e ainda dominantes, não estão atreladas ou mesmo relacionadas ao praticado e ilusório monopólio do ensino superior (Carey, 2012; Ellsberg, 2012), ideia criada, mantida e erroneamente perpetuada pelas universidades e instituições congêneres, que insistem ou mesmo ainda se iludem que estão no controle...

No passado as universidades eram vistas como uma possibilidade de se obter e garantir um emprego por muitos anos, senão por toda a vida (Ellsberg, 2012). Hoje em dia, uma grande parcela de pessoas que consegue completar um curso superior seguramente nunca vai utilizar o mesmo, sequer trabalhar na área alvo. (Crotty, 2013; Ellis, 2013). São cada vez mais frequentes a formação contínua e a aprendizagem ao longo da vida – conceitos que deveriam ser aplicados indiscriminadamente a todos nós, mesmo para aqueles que se enganam que só ensinam.

Se por um lado a ubiquidade da internet permitiu a invasão de nossas privacidades (Rich & Smith, 2007), também criou uma infinidade de oportunidades de aprendizado e trabalho. Foi desta forma que Salman Khan criou a Khan Academy (2006), com a missão de proporcionar uma educação gratuita e de alta qualidade para todos, em qualquer lugar. Este empreendimento, sem fins lucrativos – como deveriam ser todas as iniciativas voltadas à educação – é descrito por alguns (Okabe, 2014) como um modelo de ensino, ao compartilhar suas aulas gratuitas através de vídeos. Gratuitamente. Para todos. Sempre.

A revista Veja (Weinberg, 2012) – sempre tentando nos iludir que existe um mundo melhor do que podemos imaginar – além de promovê-lo como um fenômeno, equivocadamente o coroou como o “melhor professor do mundo”, por supostamente ter tornado o aprendizado mais atraente, satisfatório, interessante, produtivo e ter ensinado quatro milhões de alunos através da internet. Por outro lado, a Khan Academy tem sido criticada porque Salman Khan não teria formação em pedagogia (Danielson & Goldenberg, 2012; Strauss, 2012). Este argumento foi absurdo, por qualquer ângulo que a questão seja analisada, mas talvez ajude a explicar o êxito – ele não teria “aprendido” como não fazer as coisas ou mesmo como fazer as coisas da forma errada. Steve Jobs (Apple, 1976) sofreu críticas semelhantes. Enquanto outras empresas de tecnologia foram lideradas por geeks ele foi o único gestor de uma empresa sobre a qual ele realmente sabia muito pouco. O que lhe faltava em experiência, ele compensou com sua capacidade de pensar fora dos padrões estabelecidos. Jobs nos mostrou que, “o que eu sei é menos importante do que como eu penso” (Crépin, 2012).

Salman Khan provavelmente não é o melhor professor do mundo, mas este fato não faz nenhuma diferença e nem deveria ser atribuída alguma importância ou significância. Bill Gates (Microsoft, 1975), por exemplo, nunca foi o melhor programador do mundo – nem perto disso. Ele não inventou a linguagem BASIC, não inventou o sistema operacional DOS e nem os sistemas operacionais gráficos. Ele nunca completou um curso universitário – da mesma forma que Steve Jobs e Mark Zuckerberg (Facebook, 2004). Isso não o impediu de construir uma das maiores empresas de tecnologia ou mesmo de estar à ponta entre as pessoas mais ricas do mundo (Forbes, 2016) – um fato que não pode ser interpretado como sendo um desestímulo às formações superiores. Contudo, completar um curso universitário não significa absolutamente nada em termos de êxito ou mesmo garantia de um futuro

seguro. Ou alguém ainda consegue imaginar que, em pleno século 21, o caminho para o sucesso esteja atrelado à conclusão de algum curso superior ou mesmo às universidades? Em relação aos Estados Unidos, esta discussão é apenas acadêmica, já que “algumas das maiores mentes da nação nunca terminaram a faculdade” (Grassi, Parrish, & Winter, 2016).

Ser o melhor em qualquer campo significa antes de tudo se enquadrar em um determinado paradigma, ou seja, estar adequado a certas regras segundo as quais podemos tentar comparar os competidores (Ahmed, 2013; HEC, 2008). Isso nunca acontece de forma honesta, ética, íntegra, isenta e transparente na área da educação onde muitos currículos são forjados, manipulados e construídos sem nenhum mérito pessoal. Convivemos, ao mesmo tempo, com professores pedagógica e tecnologicamente corretos; modernos; e pseudo-educadores que replicam métodos ou formas de tentar ensinar do passado – sem nenhuma atualização, inclusive dos materiais e livros utilizados (Roth, 2015a)...

Freitas (2014), por exemplo, prefere o caminho da problematização e da desconstrução do que a constatação ou mesmo a construção. Ensaia uma crítica aos valores diferenciais, inovadores e revolucionários dos métodos de Khan seguido por uma desnecessária comparação com Comenius (2006), em cuja obra *Didactica Magna* estariam presentes os discursos inaugurais da didática moderna – a universalidade, um ensino mais efetivo (partindo dos conceitos mais simples para chegar aos mais abrangentes), o aprendizado contínuo (por toda a vida), o desenvolvimento do pensamento lógico (em vez da simples memorização) bem como o acesso das crianças pobres e das mulheres à escola – para, ao final de quatorze páginas, se render: “...os métodos de ensino de Khan são uma espécie de realização planetária do ideal universalista de Comenius: ‘ensinar tudo a todos’. ...Em 2012 esta fórmula é completamente viável e pôde ser ampliada: ao invés de um mestre ensinar centenas de alunos, o megalomaniaco projeto de educação via web tornou possível ensinar não mais centenas, mas centenas de milhares de alunos”.

Ao contrário do alegado pelo autor, a maioria dos professores não tem didática alguma. Principalmente os de nível universitário, demonstram muito pouco – ou mesmo nenhum – tirocínio didático-pedagógico. Regras e princípios por si só não são suficientes para produzir um educador. Eles não recebem este tipo de instrução nas universidades, muito menos em cursos da área de educação que deveriam formar professores. Eles passam diretamente dos cursos de pós-graduação à docência, sem pré-requisitos, muitas vezes sem experiência prévia, formação ou mesmo vocação; como se a habilidade didática estivesse implícita nos títulos que vão acumulando durante a vida (Roth, 2015b).

Em que tipo de empreendimento sério – fora do limbo das universidades, na vida “real” – isso é aceito sem ressalvas?

Aquilo que muitos deles imaginam que poderia ser didático ou mesmo algo do gênero trata-se apenas de comportamento replicado de seus “mestres”: ineficiente, ineficaz, criticado (principalmente por alunos – que quando passam a ser professores tendem a reutilizá-lo, na falta de boas referências), ultrapassado ou mesmo inadequado (Ribeiro, 2014), não apenas aos tempos atuais. Comenius (2006) criticou esta postura desde 1649 e ao mesmo tempo lamentava-se que as boas ideias nem sempre eram postas em prática. Nossa pseudossupremacia intelectual apenas habita estas posições, ou melhor, orbita (Leite, 2015). Muitos imaginam que são como o vinho e que, com o tempo, ficam cada vez melhores (Ramos, 2015). Se iludem, pois a lenda de que todo vinho melhora com a idade não é verdade. Apenas 10% dos vinhos tintos do mundo inteiro amadurecem bem, contra apenas 5% dos brancos (Porto, n.d.). Eventualmente, todos os vinhos vão se transformar em vinagre.

Naturalmente, hoje em dia, Sal não produz ou apresenta nenhum outro vídeo para a Khan Academy. Da mesma forma que outros empreendedores da área tecnológica, ele encontrou pessoas bem mais qualificadas do que ele do que ele para fazê-lo (custando muito menos).

Ainda poderia ser questionada a certificação – que o nosso mundo politicamente incorreto tende a dar infinitamente mais importância do que a conhecimentos efetivamente adquiridos. Contudo, esta questão recorrente desde a criação das universidades parece estar com os

dias contados. Há muitos anos que áreas como a Ciência da Computação não têm a excelência centrada nas universidades. Certificações em TI, tais como AWS, Cisco, Citrix, CompTIA, EC-Council, GIAC, ISACA, ISFCE, Microsoft e MongoDB tem um valor muito maior no mercado do que cursos universitários na área alvo (Roth, 2011). Além disso, a certificação destes conhecimentos não é realizada por universidades, mas por instituições privadas como a Prometric Testing (1990).

Após as ondas OCW (OpenCourseWare) e MOOC (Massive Open Online Course), a evolução natural seria a disponibilização de cursos de nível superior, com certificação, totalmente gratuitos e sem limite de usuários. Free and Open Source College Course (FOSCC) ou Free/Libre/Open Source College Course (FLOSCC) é um curso universitário on-line com certificação que é ao mesmo tempo um curso livre, gratuito, de código aberto e de livre acesso através da web para o público em geral – de qualquer lugar, a qualquer hora, usando qualquer dispositivo apropriado. Derivado do acrônimo FLOSC (Free and Open Source Course ou Free/Libre/Open Source Course) que foi cunhado em 2013 para o projeto COFUNDRAISING “Sustainability and Latest Revenue Models for Academic Resources: Facing the New Challenges of Education Economics” (FP7-PEOPLE-2013-IEF). Esta área é um foco de desenvolvimento neste momento. OCW, MOOC e FOSCC/FLOSCC sempre tem custos de produção e manutenção e esta variável permanece sendo uma questão de pesquisa porque tanto a Khan Academy como o Coursera e as universidades edX ainda não encontraram um modelo adequado de sustentabilidade.

Outro caso que também já conquistou um espaço individual e busca diferenciais de atuação é a mYngle (2005) de Marina Tognetti, que se apresenta como a principal plataforma global multilíngue para o aprendizado de idiomas on-line ao vivo, ainda que voltada para profissionais de negócios. Esta sala de aula virtual resultou em alunos e professores participantes de mais de 150 países, mas ao contrário da Khan Academy, a mYngle não é gratuita – presumivelmente porque ainda não encontrou um caminho alternativo que garanta sua sustentabilidade.

Certamente é possível oferecer um produto, serviço ou até mesmo cursos – inclusive de nível superior – sem custos ao usuário final, através da obtenção de outras fontes de financiamento que não dependam do pagamento de taxas escolares ou de recursos públicos. O Google e a Khan Academy nos ensinaram esta lição...

Wauters (2009) aponta algumas propostas semelhantes. A oferecida por Babbel (2000) é similar e igualmente paga. Outras se apresentam como redes sociais para aprender idiomas. É o caso do WizIQ (2005), italki (2006), LiveMocha (2007) e Busuu (2007), todas com serviços básicos gratuitos e opções premium pagas. O eduFire (2007) foi adquirido pelo Camelback Education Group em 2010 e está off-line. E o VoxSwap (2007), única opção totalmente gratuita, se encontra com o domínio expirado desde 30 de agosto de 2015.

A revista de bordo Holland Herald (Latten, 2015), em uma rápida entrevista com Marina Tognetti, sentenciou: “mYngle é exatamente que o você estava esperando, aulas de idiomas que vêm para você”, afinal, a Myngle (2009) afirma que você pode aprender qualquer idioma online com os “melhores professores particulares”. Marina, ao contrário de Sal, aparentemente sempre selecionou pessoas que trabalhassem para ela e ao utilizar este argumento de poder contar com os “melhores professores” parece também adotar uma tendência para se obter um diferencial de mercado em contraposição à má impressão que temos todos nós – enquanto estudantes – daqueles considerados “professores tradicionais”...

Por outro lado, seria uma boa ideia – enquanto professores e investigadores – ouvir os apelos do mercado, não apenas mercadológicos, mas de nossos clientes – nossos alunos – que nasceram em uma realidade diferente, com expectativas que normalmente não atendemos às demandas...

Servir ao continuísmo ou se dobrar às verdades absolutas e inquestionáveis – inclusive em termos didáticos – não corrobora para nenhum crescimento pessoal e profissional. Não

agrega nenhuma nova experiência, nem para quem se ilude que ensina, muito menos para aqueles que pretendemos formar.

Aldous Huxley (2004) escreveu em 1932 que, a “experiência não é o que acontece com um homem; é o que um homem faz com o que lhe acontece”. Então, se não fomos brindados com uma visão contemporânea de ensino (enquanto alunos), não parece ser justo penalizar nossos estudantes replicando as velhas formas de tentar ensinar. Todos os educadores deveriam se posicionar de forma crítica em relação ao modelo através do qual foram “formados” e não repetir os mesmos erros – sem receios por termos violado uma tendência.

Não necessitamos reinventar o método Socrático, nem mesmo abdicar de quem incorpora o papel de Sócrates, de forma intencional ou não. Não se trata de um ato de apostasia, mas com certeza é necessária uma releitura, uma reciclagem para adaptá-lo às necessidades e possibilidades tecnológicas atuais que, de modo inexorável, remete à onipresença dos vídeos e das videoconferências – e sem os quais todos os sistemas relacionados à tecnologia digital educacional permanecem indiferentes aos stakeholders, representando sempre uma educação não envolvida com os estudantes...

2. O método Socrático, elenchus ou dialético: do debate, da ironia e da maiêutica

Este modelo, popularizado como o método Socrático, reflete como a cognição humana tem se desenvolvido. O método de examinar determinado argumento a partir de uma posição de ignorância e por meio da discussão racional teria revolucionado o pensamento filosófico ocidental sendo considerado a primeira utilização conhecida do argumento indutivo – no qual um conjunto de premissas baseadas em experiências seria inicialmente confirmado como verdadeiro e, na sequência, levaria a uma verdade universal. Essa forma de argumentação tornou-se a base de todas as ciências empíricas (Costa, 2013) e tem sido utilizada muitas vezes para questionar o conhecimento daqueles que se consideravam sábios. Parte da perspectiva de quem nada sabe e, na sequência, expõe incoerências verificadas nas argumentações – ou mesmo brechas percebidas nas respostas – para gradualmente extrair insights ou percepções.

A atividade filosófica de Sócrates supostamente ocorria em etapas (Yankee, 2013). Ele formulava, insistentemente, perguntas que o interessavam e, desta forma, desenvolveu uma nova maneira de investigar o que pensamos que sabemos. Inicialmente, na parte do processo conhecida como ironia, o filósofo propositalmente se expressava de forma oposta ao que acreditava, imaginava ou mesmo sabia sobre determinado assunto, forçando o interlocutor a revelar suas pressuposições, ideias e opiniões. Com essa tática, Sócrates o levava a demonstrar a sua própria ignorância sobre o tema, ou seja, que na verdade este sabia muito pouco ou quase nada sobre o objeto da discussão.

A próxima etapa do método era conhecida como maiêutica, uma palavra que vem do grego *maieutiké* e pode ser traduzida como a arte do parto. Sócrates teria dito que sua mãe – que era parteira – dava à luz a crianças, enquanto ele deu à luz as ideias. Ele podia ser considerado como um parteiro, não de bebês, mas um parteiro de suposições, auxiliando o nascimento das ideias verdadeiras através de sessões de brainstorming.

Partindo dos conceitos apresentados pelo interlocutor na etapa inicial, Sócrates expunha as contradições e o levava a concordar com um novo conjunto de conclusões, buscando descobrir a veracidade do conhecimento em questão. Este método de buscar a verdade através do diálogo – incluindo os processos da ironia e da maiêutica – recebe o nome de dialética, porque se desenvolve como um diálogo entre visões opostas.

Para Costa (2013), Sócrates não procurava respostas definitivas ou explicações. Ele possivelmente acreditava que compreender o que somos seria o interesse primordial da filosofia e, neste sentido, investigava somente a base dos conceitos que aplicamos a nós mesmos. Isso significaria o “amor pela sabedoria”, sentimento experimentado apenas por aqueles conscientes de sua própria ignorância. Sua preocupação central teria sido a

investigação sobre a vida: “A vida irrefletida não vale a pena ser vivida”. A missão do filósofo não seria a de instruir as pessoas ou mesmo aprender o que elas achavam que sabiam, mas explorar as ideias que elas tinham. Todo o homem realmente sábio deveria afirmar que não sabe nada. E para adquirir algum conhecimento acerca de si mesmo e do mundo que o cerca seria necessário remover as ideias preconcebidas e compreender os limites de sua própria ignorância. Só desta forma haveria alguma esperança de determinar a verdade.

3. Como argumentar usando o método Socrático

Este método pode ser usado para mostrar a alguém que ele está errado, impreciso ou mesmo levá-lo a concordar com afirmações que contradizem suas ideias iniciais. Considerando que Sócrates possivelmente acreditava que o primeiro passo para o conhecimento seria o reconhecimento da ignorância, verifica-se que esta metodologia seja focada não só em provar determinado conceito, mas desconstruir o oposto com uma série de perguntas (elenchus), levando à incerteza. Esta abordagem é utilizada para desenvolver habilidades de pensamento crítico, usada em salas de aula, treinamento em gestão e psicoterapia. (Burande, 2015; Come Discutere Utilizzando il Metodo Socrático, n.d.).

Passo 1: Localize uma declaração que resuma o argumento a ser debatido. Aparentemente, Sócrates descobria esta declaração solicitando a uma pessoa que respondesse determinada questão. Por exemplo: “Qual a cor desta mesa?”. O método Socrático pode ser empregado com relação a qualquer resposta ou declaração na qual a pessoa pareça ter certeza, como: “Esta mesa é verde”.

Passo 2: Analise as consequências desta premissa. Considere que a afirmação seja falsa e encontre um exemplo onde possa contestá-la. É possível utilizar um cenário, real ou imaginário, onde este argumento seja inconsistente. Utilize este cenário em uma nova pergunta: “Para uma pessoa cega ou daltônica, esta mesa ainda é verde?”. Se a pessoa responder não, prossiga para o passo 3. Se a pessoa disser sim, pergunte: “O que a torna verde e não vermelha para um daltônico? Ou qualquer outra cor para uma pessoa cega?”. Ou seja, “Se alguém é daltônico ou não pode ver, o que torna a mesa verde?”. Esta pergunta pode confundir algumas pessoas que consideram a visão como a principal percepção do ser humano. Dessa forma, vá para a próxima etapa...

Passo 3: Altere a premissa inicial para considerar a exceção: “Então esta mesa só é verde para aqueles que conseguem enxergar normalmente”. Desafie esta nova questão com outra pergunta. Por exemplo, “Se a mesa estiver no centro de uma sala vazia, onde ninguém pode vê-la, ela continua sendo verde?”. Eventualmente, será possível chegar a um argumento com o qual a pessoa concorde, mas contradiz a declaração inicial. Neste exemplo, é possível acabar indicando a subjetividade na percepção das cores e argumentado (através de perguntas e não de afirmações) que cores só existem na cabeça das pessoas como resultado da percepção individual; isto não é exatamente uma propriedade da mesa. Em outras palavras, a mesa não é verde. É a percepção do seu oponente sobre ela que a torna verde.

Através desse método é possível criar suposições desafiadoras. Se o objetivo for argumentar de forma eficaz, este procedimento pode oferecer diversas sugestões, inclusive para desafiar suas próprias crenças. A chave para usar a metodologia é ser humilde e não supor que você ou outra pessoa saiba alguma coisa com certeza. Cada premissa deve ser questionada, pois o objetivo é examinar possibilidades, o que é feito através de perguntas e não respostas.

4. Uma releitura do método Socrático

Em um debate sobre o papel das redes sociais na educação (Atica & Scipione, 2011), Eduardo Chaves afirmou que “o método de Sócrates pode ser considerado inescolarizável”, ou seja, não pode ser escolarizado ou submetido ao processo de aprendizagem em contexto

escolar. Mas isso poderia mudar com a utilização das redes sociais. Além disso, da mesma forma que acontece na prática socrática, as atividades ligadas a estas redes não são normalmente possíveis de serem atreladas às grades curriculares. Haveria então uma educação na vertical onde “todos se educam uns aos outros” – parafraseando Freire (1987), “mediatizados pelo mundo”. E o que o mundo nos oferece neste momento? As redes sociais, os mundos virtuais, as mensagens instantâneas e os consoles de videogame.

Se a escola conseguir se adaptar – se apropriando dessa possibilidade e tornando as práticas educacionais inescolarizáveis – estaremos enfim nos educando mais à margem da escola do que na escola. Trata-se de um desafio que depende da capacidade das instituições – não necessariamente as formais – de se reinventarem para uma nova situação que, sem a tecnologia, seria absolutamente impossível: ter algo que é, ao mesmo tempo, pessoal, personalizável, e em escala - até mesmo global.

Do sonho de Comenius (2006) à constatação de Freitas (2014), através da visão de Freire (1987) pelo desafio de Eduardo Chaves (Atica & Scipione, 2011)...

O método Socrático pode ser considerado uma ferramenta educacional, desde o tempo em que o próprio Sócrates teria transformado o mercado de Atenas em uma sala de aula, seduzindo seus interlocutores através de um diálogo onde eles poderiam ter suas premissas questionadas e ao mesmo tempo aprender, viajando rumo a novas concepções de conhecimento e compreensão (Davey, 2008). Provavelmente, esta é a primeira referência que possuímos de um tipo de ensino focado no aluno, no estímulo às suas ideias e impressões sobre os fatos – não aceitando verdades prontas, forjadas, reescritas ou impostas, como sendo verdades absolutas e inquestionáveis. Algo similar à escolástica, centrada na dialética com o objetivo de ampliar o conhecimento através da inferência na busca de resolver as controvérsias. Este conceito se reflete nas sugestões da UNESCO – direcionadas à educadores e filósofos – para que encontrem maneiras de incluir a filosofia e a investigação filosófica nas práticas de ensino atuais, com vistas a melhorar as formas democráticas de vida (Tchoshanov, 2013).

Trata-se de recomendação completamente coerente com a proposta corrente que sugere o resgate do método Socrático e através de uma releitura, adapta-lo às práticas educacionais atuais – didática e tecnologicamente corretas – nos dias de hoje em que a utilização da internet aboliu as fronteiras. Davey (2008) considera este momento como a “chegada de um novo início”, através da “redefinição da pedagogia Socrática”.

Contudo o que impede muitas vezes a conexão entre a filosofia e as tecnologias educacionais é uma teoria distante da prática e das tecnologias; e uma prática tecnológica sem nenhuma teoria. Ou seja, dois discursos completamente diversos que não se transformam em uma prática transformadora. Lopes (2005) discute estes antagonismos e propõe classificar as charlatanices da pedagogia no ensino superior em quatro campos que definiu como alfa, beta, gama e delta. Embora de forma empírica, as reflexões mostram um triste retrato da realidade.

Nos últimos anos, uma ampla gama de pesquisas tem sido realizadas sobre o uso de webconferências para facilitar a colaboração entre alunos (Winter & McGhie-Richmond, 2005; Diziol, Walker, Rummel & Koedinger, 2010). Algo que Downes (2012) chama de conectivismo, ou seja, “que o conhecimento é distribuído através de uma rede de conexões e, portanto, que a aprendizagem consiste na capacidade de construir e percorrer essas redes”. O estudo de Tucker & Neely (2010) explora o uso do método Socrático através das webconferências. Badgea, Saunders & Canna (2012) traz novas ferramentas para visualizar o envolvimento dos alunos através de redes sociais, onde o método Socrático foi utilizado. Shahsavari & Hoon (2013) discutem o papel das perguntas Socráticas na promoção do pensamento crítico dos alunos através de ferramentas da Web 2.0. Além disso, o portal SMRP (2004) – dedicado a promover a utilização do método Socrático – disponibiliza de forma gratuita todas as perspectivas de ensino, métodos e recursos desenvolvidos para este fim.

5. Sistemas de videoconferência e telepresença

A mobilidade é sempre algo interessante para alunos e professores. Mas ela tem um custo e normalmente só contempla alguns, discriminando os outros. Nem todos podem arcar com estes custos e as bolsas de estudos e subsídios nunca são suficientes para atender a demanda. Sendo assim é muito mais lógico levar Maomé à montanha do que a montanha à Maomé. E Maomé hoje em dia pode usar videoconferências para estar virtualmente na “montanha”.

“Todo o artista tem de ir aonde o povo está” (Nascimento & Brant, 1981).

Segundo Wauters (2009), o mYngle defende o uso do Skype para a tutoria de videoconferência. Trata-se de uma opção de razoável qualidade nos dias de hoje (sob banda larga), simples e gratuita. Klein (2012) afirma que o mYngle e o WizIQ utilizam uma tecnologia proprietária para as salas de aula virtuais – solução também usada pelo eduFire, além do Adobe Connect. Sugere duas opções: Vyew (2005) e BlueTeach, embora estas mantenham problemas com o uso de Flash (Adobe) e discute algumas possibilidades para a sala de aula virtual do futuro, como o Conceptboard, sem o uso de Flash.

O ClickMeeting (2006) oferece várias soluções, todas pagas, com diferenciais para instituições sem fins lucrativos. Em seu site há uma sessão específica sugerindo maneiras para incorporar as videoconferências em uma sala de aula tradicional, fomentando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e envolvente: palestras e apresentações de aula; apresentação virtual de um orador convidado; lições gravadas para revisão on-line; reuniões e seminários on-line; reuniões de pessoal e desenvolvimento profissional. O Fuze (1996) é outra opção, e se apresenta ao mercado como a “melhor” videoconferência HD incluindo serviços de reuniões on-line, webinar e compartilhamento de tela.

A PC Magazine (McLaughlin, 2015) comparou o que eles consideraram como os “melhores” serviços de videoconferência de 2015: ClickMeeting, Join.Me, Adobe Connect, Cisco WebEx Meeting Center, Citrix GoToMeeting, eVoice, Microsoft Skype for Business, Onstream Meetings, StartMeeting e InterCall. Além destes serviços, houve comentários sobre CometCall, Drum's ShareAnywhere, Google Hangouts e Zoom.

Nos últimos anos, Roth (2007) tem discutido, examinado e especificado sistemas de videoconferência, bem como acompanhado sua evolução aos sistemas de telepresença (Roth, 2011) e o que se percebe é que a onipresente disponibilidade de banda larga nos diversos tipos de conexão à internet e câmeras de vídeo em todos os dispositivos móveis só contribuiu para aumentar o fosso entre a realidade e a prática das escolas e universidades. Todas as redes sociais ativas e o dominante Facebook se adaptaram, disponibilizando suporte adicional (complementos, módulos de conexão e extensões) às videoconferências e tornando a prática usual e transparente, sem a necessidade de programas suplementares. A mesma situação foi verificada nos diversos SGA (Roth, 2014).

Novas soluções para videoconferências estão sempre surgindo (LVTSPB, 2009): Avaya – (Radvision) Scopia systems; AVer Information – HVC330, H300; Cisco Systems – Cisco TelePresence; Huawei – TP Telepresence series; Ericsson-LG – LVP series PSTN, ISDN and IP videophones; Librestream – OnSight; LifeSize – LifeSize Team, LifeSize Room & LifeSize Conference; Panasonic – VC500; Polycom – RealPresence Immersive Studio, OTX, HDX, Group series; Polycom – VVX; Sony – PCS systems; TrueConf – TrueConf Terminal; Vidyo – VidyoRoom & VidyoDesktop; e Zoom Video Communications – ZoomPresence.

Aparentemente, essas soluções com codecs baseados em hardware dedicado ainda oferecem melhor qualidade do que codecs baseados em software, mas isso nem sempre é importante ou mesmo necessário – sem falar que a situação pode mudar rapidamente com a disponibilidade de uma maior largura de banda e os recursos da computação em nuvem. Os custos envolvidos indicam que a melhor estrutura deve estar no lado de quem produz os conteúdos (vídeos) ou mesmo de quem gerencia os processos (faz o papel atual do professor

nas videoconferências). Normalmente apenas uma pessoa fala a cada vez - com exceção dos italianos (*parlare tutti insieme*). Neste sentido, mesmo as soluções consideradas mais modestas e sem custos de aquisição podem ser adequadas.

O diferencial não deveria estar centrado na tecnologia (melhor sistema e com a melhor qualidade), muito menos na dependência tecnológica, mas no uso efetivo das soluções que já se encontram disponíveis em mais de um fornecedor – absolutamente nada dura para sempre – se possível sem custos, como um meio acessível, de utilização natural e transparente. Tentar dar ênfase à tecnologia ou mesmo considerá-la não como um meio, mas como um fim nos remete aos medos da sociedade entrando em uma nova era. Para Gale Anne Hurd, a visão em o Exterminador do Futuro foi de que a prepotência humana tenha levado à completa destruição da civilização, por termos colocado toda a nossa confiança na tecnologia (Southwell, 2014).

O que poderia mudar, com certeza, deveria ser o envolvimento dos clientes (alunos) através de um método provocativo – para que estes saiam da inércia. Um dos principais objetivos da educação tem sido fortalecer a relação entre a memória de longo prazo e a inteligência, ajudando as pessoas a armazenar informações para posteriormente usá-las na resolução de problemas (Hielkema et al., 2012). Logo, independentemente de onde estiverem estes clientes, as videoconferências sempre serão um meio de distribuir tarefas, já que o método Sócrático pode e deve estar associado à metodologia ABRP.

6. Stop & Go

O ano de 2015 pode, de certa forma, ser considerado como o ano em que a internet perdeu, definitivamente, a sua inocência. Passamos do ufanismo do Grátis (Anderson, 2010), às promessas não cumpridas da computação em nuvem (Seshachala, 2015; Henthorn-Iwane, 2015) – com todas as armadilhas atreladas, até chegarmos à total falta de privacidade e segurança, como demonstrado em todos os episódios do Google e pela recente versão de SO da Microsoft (Windows 10) com várias definições que não apenas simplificam, mas tentam impor a “socialização” do utilizador. Isso sem falar na tendência das assistentes virtuais inteligentes que querem saber tudo da sua vida e sempre informam aos donos (Apple Siri, Microsoft Cortana, Google Now, Amazon Eco Alexa, etc.). O sonho de ter um J.A.R.V.I.S. (Just A Rather Very Intelligent System) em casa pode sempre se tornar um pesadelo...

George Orwell teria comentado sobre seu livro, 1984, que “Em tempos de mentiras universais, dizer a verdade é um ato revolucionário” (Müller, 1989, p. 106).

Os documentários Vítimas do Facebook (Peill & D'Eon, 2011) e Deep Web (Winter, 2015) exploram estas facetas da “modernidade”. A exposição exacerbada de um lado e a busca pelo anonimato e privacidade de outro, consideradas politicamente corretas ou não, dependendo da época em que vivemos. Mas em ambos os casos assistimos atônitos a governos considerados democráticos – como o dos Estados Unidos, e na era Obama – atropelarem direitos e garantias básicas e fundamentais em nome da proteção dos direitos autorais, do combate às drogas ou do alegado terrorismo – e o fazem através de algo muito pior, algo criado pelos próprios: o terrorismo de estado (Roberts, 2004; IPE, 2011).

Do “yes we can” para o “yes we scan”. Lugar comum na história quando uma sociedade faz a transição da liberdade em relação à ditadura e apenas mais uma das contradições de um país com um discurso de respeito aos direitos humanos, mas que não se submete nem mesmo às decisões da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH).

De acordo com Siddiqui (2008), “A mesma jihad que foi aclamada como uma guerra santa de libertação e foi apoiada em termos de dinheiro, armas, treinamento, recursos humanos e apoio moral agora é vista como terrorismo, em um mundo onde a 'guerra contra o terror' é o slogan do dia”. Bodes expiatórios são criados (Osama Bin Laden, Saddam Hussein, Shawn

Fanning, Ross Ulbricht) para se manipular as massas e criar execuções exemplares, que possam servir de “exemplo” e difundir o medo: “Quando a democracia governa, o homem é governado pela ignorância; quando a igreja governa, ele é governado pela superstição; e quando o estado governa, ele é governado pelo medo” (Hall, 1928).

Schröder (2002) apontava os riscos de uma maior intervenção por parte do estado civil moderno e um menor direito de defesa para os acusados – sejam eles quem forem. Desta forma, pela definição completamente arbitrária de terrorismo, é muito fácil perceber que “a guerra contra o terror tem pouco a ver com a luta contra o terrorismo, tendo sim como principal objetivo a erosão de direitos fundamentais na UE”. O que muitas vezes tendemos a classificar como terrorismo pode muito bem ser um último suspiro de liberdade. O verdadeiro terrorismo sempre está implícito em ações imorais e infelizmente nas duas situações sempre teremos vítimas inocentes. Esta posição limite é apenas mais uma consequência ou mesmo prova de nossa incapacidade para resolver nossos conflitos.

A moderna definição de terrorismo poderia ser algo como: tudo aquilo que os outros fazem para tentar sobreviver ou mesmo não se submeter às ações e vontades dos poderosos – contra os quais não tem condições de lutar sob as mesmas condições. Estados poderosos que criam leis e tribunais internacionais apenas para os outros, pois são os primeiros a ignorar estas limitações ou mesmo tratados internacionais que tenham aderido e assinado...

Mas qual poderia ser o caminho para garantir a segurança, a privacidade e ao mesmo tempo o acesso universal às informações, formações e possibilidades que a internet pode oferecer sem nenhum tipo de perseguição, superexposição ou discriminação?

O empresário Jorge Paulo Lemann, atualmente o homem mais rico do Brasil (2016), ponderou que discursos idealistas não ajudam a construir soluções práticas: “Está cheio de gente no Brasil que acha que igualdade é uma beleza. Eu acho igualdade uma beleza também, só que não funciona. Igualdade de oportunidade, isso sim. Agora, igualdade por igualdade... As pessoas não são iguais” (Frias & Bilenky, 2015).

Com certeza as pessoas não são iguais, mas muitas podem contar com um background familiar ou mesmo com um suporte financeiro inicial e informações privilegiadas, nem sempre obtidas de forma honesta e transparente. A maioria não tem acesso ao mesmo nível de educação; aos contatos pessoais, profissionais e governamentais em determinados locais que permitem alavancar suas possibilidades individuais de forma exponencial, em curto espaço de tempo e os colocar em posições de destaque com o mínimo esforço – e muitas vezes nenhum. Desta forma, naturalmente, não podem contar com as mesmas oportunidades...

Mas aonde existe a igualdade de oportunidades e inclusão para todas as pessoas, sem nenhum tipo de favoritismo ou discriminação? Na Fundação Lemann ou mesmo nas empresas capitaneadas por Jorge Lemann? Claro que não. Nestes locais é explorado ou mesmo buscado um determinado perfil – em detrimento de outros – de empreendedores workaholic, que segundo suas próprias palavras devem salvar o Brasil (Instituto Millenium, 2016). As oportunidades são criadas apenas para alguns poucos privilegiados, e a despeito da lógica capitalista da criatura, não bate com o discurso público do criador. Apenas mais uma falácia da meritocracia...

Jorge Lemann (Fundação Lemann) e Bill Gates (Bill and Melinda Gates Foundation) são apoiadores da Khan Academy, mas não se trata de financiamento coletivo (crowdfunding). A lista completa (2014-2015), que inclui muitas fundações, pode ser conferida em Our Supporters (2016). Provavelmente o suporte a este tipo de empreendimento – realmente gratuito e ao alcance de todos – seja derivado de algum sentimento de culpa. “Dizem que há uma correlação entre generosidade e culpa. Mas se você tem dinheiro, doe o quanto quiser” (Feige & Russo, 2016). Ao mesmo tempo, existe sempre uma história não contada, diversa da oficial, que esconde os rastros daqueles que ficaram pelo caminho, na escalada ao sucesso. “As coisas que fizemos para sobreviver não nos definem” (Miller & Showalter, 2014).

Embora seja louvável o trabalho de algumas fundações e institutos, não se trata de nenhuma benesse. Basicamente não fazem algo com recursos próprios, mas provenientes de doações, deduções e impostos não pagos diretamente aos governos, aplicados em seus próprios programas sociais (Guerreiro, 2012). Algo similar ao que o Lions Clubs International (2001) sempre fez: sucesso com o dinheiro dos outros – no caso, com o dinheiro de impostos, que teoricamente deveria ser em benefício de todos os cidadãos.

Por que não criar oportunidades para todos, não só de estudo, mas também de acesso ao conhecimento e posterior aplicação?

“A sociedade hierárquica só é possível com base na pobreza e ignorância” (Perry & Radford, 1984). Quando tentamos buscar apenas um determinado perfil em detrimento de outros, quando começamos a escolher “os melhores” – muitas vezes de forma subjetiva e parcial, em detrimento de todos ou mesmo de qualquer um – esta possibilidade de dar determinado destino aos recursos que deveriam ser públicos falha flagrantemente...

Apenas um estado comprometido com a igualdade social e livre da corrupção nos setores essenciais seria capaz de dar exatamente as mesmas oportunidades, sem nenhuma discriminação de nenhum gênero, para todos. Considerando ainda um mercado – onde realmente são criadas as oportunidades profissionais e onde as empresas e os estados contratam mão de obra – capaz de selecionar pessoal de forma transparente. O problema é que esta questão é teórica e mesmo em utopias socialistas ou comunistas nunca foi capaz de se concretizar – pois as práticas discriminatórias de emprego estão sempre presentes. Mesmo na União Europeia que construiu sua unidade sob a diferença e como produto de uma longa construção histórica – recebendo o Prêmio Nobel da Paz (EU, 2012) – a diretiva de proteção contra discriminação não consegue cumprir o seu papel (EC, 2015; Equinet, 2015).

A reação instintiva de todas as criaturas com medo é se retirar para um local seguro. Contudo, para uma grande parcela de imigrantes legais (ou mesmo de refugiados “reais”) o sonho europeu dos dias de hoje – ou o sonho americano do passado – continua sendo uma lenda urbana. Repentinamente, o sonho tão desejado vira um pesadelo...

Até mesmo cidadãos de estados-membros convivem com a intolerância e atos discriminatórios que constroem, maltratam e ignoram direitos humanos e comunitários. No fundo parece persistir o receio por mudanças no modo de vida, a disputa pelo mercado de trabalho ou mesmo o acesso à saúde e educação. Afinal, após a implementação do Espaço Europeu de Educação Superior (EEES), os cursos universitários europeus parecem todos iguais (independente da universidade), embora alguns sejam total ou parcialmente pagos e outros inteiramente gratuitos (Roth, 2015a).

Qual a importância subjetiva (sempre discriminatória) que pode ser atribuída à sua origem, ao país que você se encontra, à universidade em que você estudou, à editora em que você imprime seus livros ou mesmo ao jornal em que você publica os seus artigos?

Muitos pesquisadores fornecem seus trabalhos para editoras como Elsevier, JSTOR, Sage e Springer pois consideram que ter um estudo publicado nestas revistas traz prestígio e reconhecimento por parte da comunidade científica. De forma direta, eles não ganham nada com isso e não recebem nem uma parcela do dinheiro coletado através de cobranças exorbitantemente altas. Estas editoras simplesmente se apropriam do conteúdo, pelo qual não pagam (Oswald, 2016). Elas criam seus próprios sistemas de indexação e fator de impacto – algo que só reflete suas edições ignorando as revistas de acesso aberto. Tais índices globais – como o Science Citation Index, Scopus ou Web of Science – incluem um pequeno número de periódicos e favorecem publicações em língua inglesa – considerada a língua científica global (Altbach, 2014) – algo que pode ser caracterizado como neocolonialismo. Dessa forma manipulam apenas o que lhes interessa e realimenta o perverso sistema. Neste sentido elas discriminam o que pode ou não ser publicado, quem pode ou não publicar, a pseudo-qualidade subjetiva ou mesmo a validade das publicações – de acordo ou não com determinada linha editorial. Elas vivem deste sistema onde imaginam que só elas têm o direito de fazê-lo e depois cobram o que imaginam – sem o pagamento de nenhum direito autoral.

Percebam a sequência: apropriar-se, adaptar e não pagar pelo uso. Esta prática é tão absurda quanto os rankings que imaginam avaliar a qualidade das universidades e, em alguns países, poderia ser caracterizada como estelionato e formação de quadrilha. Mas contam com a conivência das universidades, que parecem engajadas em uma corrida armamentista global da publicação, dos pesquisadores “reféns” deste sistema ou mesmo de um corrompido e comprometido sistema de “justiça”.

Para muitos estudantes e pesquisadores, o website Sci-Hub (2011, 2015), (Tor: scihub22266oqcxt.onion) – o equivalente ao The Pirate Bay para a pesquisa acadêmica – é a única maneira de terem acesso a determinados conteúdos que deveriam ser de domínio público, mas que estão sujeitos à exploração, privatização do conhecimento, comercialização e a um falso elitismo na esfera científica. “O mundo, apesar de redondo, tem muitas esquinas” (Abreu, 2013). Neste sentido, mérito deveria ser sempre algo individual e próprio da produção pessoal e não derivado, discriminado ou mesmo atrelado à um imaginário diferencial de qualidade ou tradição...

A Khan Academy e a mYngle podem e presumivelmente vão ser sempre criticadas por pessoas e instituições quem fazem parte do sistema dominante e veem o seu estilo de vida ameaçado. É sempre mais fácil e cômodo criticar quem faz do que, ao menos, tentar fazer. Contudo, podem ser considerados como modelos contemporâneos, eficientes, eficazes e exitosos – do diferencial de mercado e do uso efetivo dos vídeos e das videoconferências – para alavancar empreendimentos e iniciativas educacionais através da internet.

Marina e Sal basicamente não criaram nada novo. Eles simplesmente reutilizaram tudo o que já existia disponível, mesmo que, desenvolvido por outros e de forma gratuita. Provavelmente esta é uma das chaves do sucesso: apropriar-se de uma ideia, adaptar e não pagar pelo uso. Este simples *modus operandi* faz parte absolutamente de todas as histórias de êxito empresariais – que tanto admiramos. Basta verificar os cases da Microsoft, Apple, Facebook ou mesmo algumas editoras parasitas da ciência. Muitas pessoas que criaram ou desenvolveram algo original – como Kane Kramer, o verdadeiro inventor do iPod – não ganharam nada com isso (Boffey, 2008).

No Brasil, virou moda discutir o legado de Jorge Paulo Lemann e seus parceiros de negócios – Carlos Alberto Sicupira e Marcel Herrmann Telles – contudo verifica-se igualmente que as ideias nunca foram deles. Para Cláudio Haddad, presidente do Ibmec São Paulo, “O Jorge Paulo não é um gênio numa torre de marfim”. Esta foi uma das características marcantes da “cultura desenvolvida” no Banco Garantia: sua facilidade em copiar bons exemplos. Segundo Carlos Alberto Sicupira, “A grande vantagem do Brasil é que você pode copiar o que está sendo desenvolvido em outro lugar e fazer aqui. Pode copiar tudo, não precisa ficar reinventando a roda”. “O que nós fizemos a vida toda? Só copiamos. Não inventamos nada. Ainda bem. Inventar coisas é um perigo danado”. Copiar e implementar – e não inovar ou mesmo criar – foram sempre as palavras preferidas neste grupo. Jorge Lemann confirma, “Vale muito mais uma lógica boa, uma execução boa, do que qualquer inovação brilhante”. “Você tem de se preocupar com a inovação. Mas se tem alguém fazendo bem, melhor não gastar muito tempo procurando como fazer. Vai lá, olha e adapta da sua maneira, e pronto”. (Teixeira, Hessel & Oliveira, 2008).

Que lições podemos tirar dos megaempreendimentos de William Henry Gates III, Steven Paul Jobs, Mark Elliot Zuckerberg ou mesmo de Jorge Paulo Lemann? Praticamente nenhuma. Ninguém replica histórias de sucesso, pois as condições de temperatura e pressão nunca são as mesmas. Contudo, aprendemos mais com os nossos erros e com os erros dos outros – do que com nossas eventuais realizações ou mesmo com as realizações dos outros...

Provavelmente Salman Amin Khan e Marina Tognetti tenham muito mais a nos demonstrar do que nossos ícones representativos de determinadas situações excepcionais – nem sempre claramente demonstráveis e isentas de críticas... Nossos falsos heróis são sempre melhores em tudo: são mais ricos, mais inteligentes, mais

bonitos, mais capazes ou simplesmente são considerados melhores do que nós, sem nenhum adjetivo superficial. Nesse contexto, heróis modernos são comodidades em falta, pelo menos, através de uma perspectiva paradoxal (Sapelli, 2011).

José Abelardo Barbosa de Medeiros, conhecido como Chacrinha (2009), foi um grande comunicador do rádio e um dos maiores nomes da televisão brasileira. Foi o autor da célebre frase: “Na televisão, nada se cria, tudo se copia” – provavelmente parodiando o enunciado de Antoine Lavoisier (2001): “*Rien ne se perd, rien ne se crée, tout se transforme*” (Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma) ou Giordano Bruno (Kessler, 1900): “*Il tempo tutto toglie e tutto dà; ogni cosa si muta, nulla s'annichila*” (O tempo tudo tira e tudo dá; tudo se transforma, nada se destrói).

Este conceito de falta de originalidade pode ser levado sem riscos a tudo que se relaciona com a internet, principalmente a educação – mesmo aquela considerada tecnologicamente correta – onde o copiar e colar muitas vezes significa a prática e não a exceção.

Estar à frente de seu tempo é uma capacidade que quase nunca confere alguma vantagem ao seu possuidor. Lavoisier foi condenado por traição e perdeu a cabeça na guilhotina. Giordano Bruno foi chamado de herege e queimado na fogueira pela “santa” inquisição. Malcolm X foi assassinado antes que ele tivesse tempo para desenvolver suas novas ideias. Sócrates foi forçado a tomar cicuta por irritar muitas pessoas. A premissa creditada a Johann Wolfgang von Goethe, de que “Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor” é falsa, pois o elemento humano sempre está perversamente presente. Nós sempre destruímos os nossos heróis.

A realidade que impera, corrompe e marginaliza todos os que se opõem às verdades estabelecidas faz com que muitos pensadores permaneçam ocultos, com medo da rejeição ou do ridículo (Roth, 2015c).

Diante de várias práticas notórias, observadas em diversas escolas incríveis pelo mundo, Roth (2015a) apontou bons exemplos que poderiam ser seguidos, copiados ou mesmo reutilizados com a devida adaptação: o ingrediente secreto. Qualquer receita de bolo quando replicada exige o uso deste suplemento que não está explícito nem descrito. No caso da implantação de uma nova ideia sempre será a prévia sensibilização, o convencimento, a participação e a concordância das partes envolvidas. Sem pressão ou obrigação de quem realmente vai utilizar diariamente um novo processo ou forma de trabalho. Sem este pequeno detalhe, sempre haverá algum tipo de boicote e qualquer ação neste sentido estará sujeita ao baixo nível de adoção, como verificado em todas as universidades modernas.

Dentre estes casos especiais, a Escola da Ponte, de Portugal, se notabilizou entre as que deveriam ser consideradas *hors-concours*. E é exatamente este modelo de práticas inescolarizáveis que vai ser testado (Souza, 2016) em projeto-piloto, por duas escolas públicas do estado brasileiro do Mato Grosso do Sul: sem provas de avaliação e sem aulas formais...

Quando pretendemos fazer algum movimento adiante em termos educacionais sempre temos a oportunidade de pular etapas e ir direto ao estado atual da arte. Aprender com as experiências dos outros. Embora isso possa ser verificado em algumas escolas do Brasil, não pode ser generalizado. Em março de 2016 ocorreu a Semana de Educação Aberta (Open Education Week, 2011), com o apoio do Programa Paranaense de Práticas de Recursos Educacionais Abertos (Rea Paraná, 2014), uma ação interinstitucional criada em 2014 pela Universidade Federal do Paraná e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Recursos Educacionais Abertos (REA) e a criação de repositórios nunca formataram ou entregaram nenhum produto (curso completo, com ou sem certificação – apenas lições de cursos). Pode, de certa forma, ser considerado como um estágio evolutivo, mas trata-se de visão ultrapassada, pelo menos, quatorze anos. Embora haja experiências comprovadas desde 1999, o movimento OCW só decolou com o lançamento do MIT OpenCourseWare em

2002 (OpenCourseWare, 2007). Os MOOCs foram um passo adiante – eram formatados como cursos (podendo usar materiais OCW), mas nunca chegaram ao nível dos FLOSCs. Sem falar que isso tudo exige algum nível de autoria, algo impensável para quem não cria, apenas copia – ou se apropria. Nos vídeos e nas videoconferências isso muda, mas imaginar que o modelo da Khan Academy será o próximo passo ainda é uma incógnita. As universidades realmente públicas (sem propinas) é que deveriam evoluir para dar este passo adiante.

A Khan Academy e a mYngle, da forma como foram desenvolvidas, não existiriam sem a internet atual. Sem o uso de vídeos e videoconferências não sairiam do lugar comum, não teriam ganho tamanha visibilidade, reconhecimento e atraído tantos usuários. Certamente é uma refrescante mudança, reciclando o mesmo material antigo que tem sempre sido requentado. O principal atrativo da Khan Academy é o fato de ser gratuita e a promessa de permanecer assim para o futuro – além, é claro, da qualidade do material produzido atualmente. A mYngle, ao contrário, enfrenta muitos concorrentes com estratégias similares. Qual modelo de negócios vai conseguir sobreviver é uma questão de tempo, para o futuro.

Não existe uma inovação didática aparente – em referência apenas às consideradas corretas hoje em dia – em nenhuma das iniciativas. O que existe é um bom uso da tecnologia disponível e uma boa seleção de professores, não baseada apenas em currículos inflados, quem indica (cartas de recomendação) ou mesmo competições desonestas. Enquanto a mYngle aplica o conceito tradicional de manutenção (quem paga a conta são os usuários) não representa um risco sério ao *status quo*. Por outro lado, a Khan Academy surge defendendo ideias opostas às do establishment e aplica a máxima do Grátis (Anderson, 2010), ou seja, que alguém com certeza vai pagar a conta, mas não necessita ser o usuário final. No caso, atualmente quem paga os custos são diversas fundações, doadores individuais (que ganham o direito de expor o seu nome como beneméritos) e doadores anônimos (que o fazem por convicção e não buscam esta forma de promoção).

Nestes dois empreendimentos os efeitos são muito mais perceptíveis, pois as ações não se limitam a um determinado país ou idioma, já que a internet – normalmente – não impõe fronteiras. Este conceito – não apenas de globalização ou internacionalização, mas de universalidade – deveria ser replicado por todas as universidades do mundo, para se reciclarem e se adaptarem aos novos tempos com vistas a finalmente atender a bela norma revolucionária, democrática e constitucional da “educação universal, obrigatória e gratuita” para todos. Isso não é uma realidade, nem mesmo na Europa. Ferrer (2001) disse há quinze anos que “É obrigação política e moral da União Europeia destinar os recursos financeiros suficientes a garantir uma educação gratuita para todos até 2015”. E desde o ano passado este prazo não foi cumprido – sem que os objetivos tenham sido atingidos. Neste contexto, Downes (2011) conta histórias sobre código aberto, conteúdo aberto e educação aberta – pela ótica da pessoa que deseja o acesso a estes recursos, ao invés da visão do provedor. Temos que, de certa forma, passar por esta curva de aprendizagem.

Sherman (1982) escreveu que “Você não pode voltar atrás e fazer um novo começo, mas você pode começar agora e fazer um novo fim”. Nós ainda não podemos voltar no tempo, mas todos nós podemos dar um passo atrás para depois dar dois passos à frente e fazer uma nova escolha.

Uma importante questão que deveria ser revista e continua a afastar o meio acadêmico do meio empresarial é uma alegada falsa pretensão ou mesmo um pseudo-referencial de originalidade que permeia as publicações e práticas do meio educacional (Silva, 2011; Dey, 2006). Falso, pois nas práticas diárias, de forma velada, manipulada ou mesmo explícita, impera a cópia, o plágio, as práticas antiéticas (como incluir coautores sem participação e depois ter este favor retribuído) e a reutilização de materiais sem atualização, por professores. Os escritores sempre souberam que “livros sempre falam de outros livros, e cada história conta uma história que já foi contada” (Eco, 1984).

Não deveríamos ser obrigados ou pressionados a criar inúteis trabalhos de conclusão, teses, dissertações ou mesmo artigos pretensamente científicos, que tenham como justificativa apenas cumprir alguma pré-condição imposta, não prática ou mesmo constituir algum número abstrato que fosse capaz de referenciar algum nível de produção sob a falsa égide da qualidade ou mesmo conferindo algum mérito ao seu suposto autor (DORA, 2012). Mais importante do que isso seria a adaptação, a aplicabilidade e a massificação – e esta tem sido, comprovadamente, a receita para se obter bons resultados...

Parodiando Umberto Eco (1989), trata-se de uma obra aberta, e como tal deveria ser apreendida e enriquecida por cada um de nós. Caminhos mais complexos poderiam ser trilhados com criatividade, conhecimento e competência – qualidades nem sempre presentes em quem se agarra a certos cargos e posições sem a intenção ou mesmo pretensão de possibilitar mudanças, independente de modismos. Existe, portanto, uma necessidade especial de promover a formação da nova geração de professores que, em um futuro próximo estarão em posições-chave educacionais.

O pano de fundo deveria ser sempre a crença na necessidade de democratizar a educação, possibilitar o acesso para todos; e na capacidade que temos muitos de nós, educadores formados ou não, de fazer uma educação com elevados padrões de qualidade, independentemente das distâncias (Roth, 2013). Poderemos então seguir adiante, sem transformar a questão em mais uma história sensacionalista ou continuar colocando eternamente a culpa em nossos colonizadores (Filho, 2015).

Na Universidade Ca' Foscari de Veneza (UNIVE) as poucas referências relacionadas ao método Socrático são encontradas no livro “Capire e dissentire, Cicerone e la filosofia di Epicuro” (Maso, 2008), no curso “Problemi Particolari di Didattica delle Scienze Sociali” (Gozzo, 2009), nas teses de laurea “Marco Aurelio: filosofia e potere” (Dei Rossi, 2012) e “Sviluppo, valutazione ed analisi delle competenze trasversali nell'high education” (Pisanello, 2013) e na tese de doutorado “Platone e la scrittura di dialoghi socratici: strategie, interlocutori e finalità” (Candiotto, 2011). Apenas mais uma das lacunas de uma universidade tradicional com um equivocado discurso de modernidade e segurança tecnológica (política atual exige a alteração de senhas a cada 180 dias), mas que hospeda seus e-mails institucionais no Google (Roth, 2015c).

7. Conclusão

Longe de ser unanimidade, o método Socrático sempre foi tema de polemicas e especulações diversas, sendo adorado por alguns e odiado por outros. Ao longo da história esta abordagem passou por diversas etapas, desde uma questionável utilização (por seu suposto criador), seguida por uma má interpretação (dos seus detratores) até o que podemos considerar como sua redenção e consequente adoção, nos dias de hoje.

Não se trata de uma descoberta nova, apenas uma redescoberta.

Muitas vezes o segredo está na simplicidade. No filme Perdido em Marte (Kinberg & Scott, 2015), “há momentos em que o protagonista parece brasileiro, pois está sempre tomado por aquele espírito de não desistir nunca e vive arrumando um jeitinho para tudo” (Zarour, 2015). Não deveria ser este o lugar-comum? O espírito que nos norteia e nos mantém atuantes no mercado?

“A inversão do discurso por um lado desafia algumas verdades criadas, fatos, bom senso e ideologias e por outro oferece verdades alternativas e fatos” (Siddiqui, 2008).

Não necessitamos expor ao ridículo nenhuma pessoa, muito menos nossos alunos. Mas a prática não seria de todo ruim se aplicada a muitos que se autoconsideram professores, subcelebridades que insistem em subir ao trono ou mesmo se recusam a descer do pedestal, sem nenhum direito ou mesmo mérito pessoal – “conquistado” e não adquirido através de recursos financeiros ou indicações de terceiros. Os auxiliaria a calçar as sandálias da humildade e a aceitar que, com raríssimas exceções, não somos especiais e não sabemos

nada com certeza.

Mérito não deveria ser algo que se compra através de artigos para publicações pagas, livros de pequena tiragem (o lado antiético do “jeitinho português”) – através de um número crescente de editoras da vaidade que publicarão livros por uma taxa (Altbach, 2014) – ou mesmo por participações na indústria de eventos muito pouco ou nada “científicos”.

Como que vivendo um sonho acordado, em uma Matrix fora da realidade, nos iludimos a nós mesmos e imaginamos que sabemos. Pensamos, achamos e até mesmo acreditamos que sabemos, mas não sabemos – é uma armadilha perigosa pensar dessa forma. Neste sentido, Sócrates foi o verdadeiro sábio, porque ele tinha a plena noção de sua “douta ignorância” (*docta ignorantia*). De volta ao paradoxo Socrático: “*ipse se nihil scire id unum sciat*”, ou seja, “só sei que nada sei” ou “sei uma coisa: que eu nada sei”...

Referencias

- Abreu, C. F. (2013). Caio de A a Z. ISBN 9788520936597. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Retrieved Feb 26, 2016, from <http://minhateca.com.br/ceiogcruz/Livros/pdf/Caio+Fernando+Abreu+-+Caio+de+A+a+Z,14102833.pdf>
- Ahmed, W. (2013, February 18). HEC to confer 63 Best University Teacher Awards. The News Tribe. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.thenewstribes.com/2013/02/18/hec-to-confer-63-best-university-teacher-awards/>
- Aldous Huxley (2004, February 25). Retrieved Jan 31, 2016, from https://en.wikiquote.org/wiki/Aldous_Huxley
- Altbach, P. G. (2014, July 18). What counts for academic productivity in research universities? University World News. Issue 329. Retrieved Mar 1, 2016, from <http://www.universityworldnews.com/article.php?story=20140715105656393>
- Ancient Aliens (2008, July 23). Retrieved Aug 19, 2015, from https://en.wikipedia.org/wiki/Ancient_Aliens
- Anderson, C. (2010). Free: The future of a radical price. New York: Hyperion. ISBN 978-1-4013-2290-8. Retrieved Feb 16, 2016, from <http://archive.org/details/FreeTheFutureOfARadicalPrice>
- Antoine Lavoisier (2001, September 4). Retrieved Feb 5, 2016, from https://en.wikipedia.org/wiki/Antoine_Lavoisier
- Apology (2005, March 13). Retrieved Jan 5, 2016, from [https://en.wikipedia.org/wiki/Apology_\(Xenophon\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Apology_(Xenophon))
- Apple Inc. (1976, April 1). Retrieved Jan 29, 2016, from <http://www.apple.com/>
- Atica & Scipione (2011, March 22). Debate - Redes Sociais na Educação - Parte 1. Retrieved Feb 4, 2016, from https://www.youtube.com/watch?v=YONMFea0_Q4
- Babbel (2000, March 27). Retrieved Feb 13, 2016, from <https://www.babbel.com/>
- Badgea, J. L., Saundersb, N. F. W., & Canna, A. J. (2012). Beyond marks: new tools to visualise student engagement via social networks. Research in Learning Technology. 20. ISSN: ISSN-2156-7069. Retrieved Feb 26, 2016, from <http://eric.ed.gov/?id=EJ973810>
- Boffey, D. (2008, September 8). Apple admit Briton DID invent iPod, but he's still not getting any money. Daily Mail. Retrieved Feb 15, 2016, from <http://www.dailymail.co.uk/news/article-1053152/Apple-admit-Briton-DID-invent-iPod-hes-getting-money.html>
- Bowyer, C. (2013, October 11). Tor, Bitcoin and the Silk Road: three forces for good. Adam Smith Institute. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.adamsmith.org/blog/media-culture/tor-bitcoin-and-the-silk-road-three-forces-for-good/>
- Burande, A. (2015, March 27). Socrates' Philosophy and Socratic Method. Buzzle.com. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://www.buzzle.com/articles/socrates-philosophy-and-socratic-method.html>

- Burns, K. (Writer), & Niles, L. (Director). (2013, October 21). Magic of the Gods. Season 5, Episode 11 [Television series episode]. In Burns, K. (Producer), Ancient Aliens. United States: Prometheus Entertainment. Retrieved Feb 16, 2016, from http://www.springfieldspringfield.co.uk/view_episode_scripts.php?tv-show=ancient-aliens&episode=s05e11
- Busuu (2007, October 18). Retrieved Feb 13, 2016, from <https://www.busuu.com/>
- Candiotto, L. (2011). Platone e la scrittura di dialoghi socratici: strategie, interlocutori e finalità.
- Carey, K. (2012, March 13). The Higher Education Monopoly is Crumbling As We Speak. New Republic. Retrieved Feb 7, 2016, from <https://newrepublic.com/article/101620/higher-education-accreditation-mit-university>
- Chacrinha (2009, January 6). Retrieved Feb 13, 2016, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Chacrinha>
- ClickMeeting (2006, January 7). Retrieved Feb 15, 2016, from <http://www.clickmeeting.com/>
- Come Discutere Utilizzando il Metodo Socratico (n.d.). In wikiHow. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://it.wikihow.com/Discutere-Utilizzando-il-Metodo-Socratico>
- Comenius, J. A. (2006). Didatica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. eBookLibris. Retrieved Jan 29, 2016, from <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/didaticamagna.html>
- Costa, F. N. (2013, October 27). Método Socrático ou Dialético. Retrieved Oct 11, 2015, from <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/10/27/metodo-socratico-ou-dialetico/>
- Crépin, A. (2012, December 21). What Steve Jobs Taught Me About Creativity. Geekpreneur. New Media Entertainment. Retrieved Mar 11, 2016, from <http://www.geekpreneur.com/what-steve-jobs-taught-me-about-creativity>
- Crotty, J. M. (2013, November 13). 60% Of College Grads Can't Find Work In Their Field. Is A Management Degree The Answer? Forbes, November, 13. Retrieved Jan 30, 2016, from <http://www.forbes.com/sites/jamesmarshallcrotty/2012/03/01/most-college-grads-cant-find-work-in-their-field-is-a-management-degree-the-answer/>
- Danielson, C., & Goldenberg, M. P. (2012, July 27). How well does Khan Academy teach? The Washington Post. Retrieved Jan 30, 2016, from <https://news.ycombinator.com/item?id=4300929>
- Dasgupta, A. (2015, December 31). Why We Need A Revolution, Not Just Evolution, In Education. The Huffington Post. Times Internet Limited. Retrieved Feb 7, 2016, from http://www.huffingtonpost.in/amit-dasgupta/why-we-need-a-revolution-_b_8888190.html
- Davey, S. (2008). Arriving at a New Beginning: Redefining Socratic Pedagogy. The University of Queensland. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://espace.library.uq.edu.au/view/UQ:178426>
- Dei Rossi, F. (2012). Marco Aurelio: filosofia e potere. Tesi di Laurea. Università Ca' Foscari Venezia. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://hdl.handle.net/10579/2290>
- Dey, S. K. (2006, July 10). Impact of Unethical Practices of Plagiarism on Learning, Teaching and Research in Higher Education: Some Combating Strategies. IEEE Xplore Digital Library. pp 388-393. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://dx.doi.org/10.1109/THET.2006.339791>
- Diziol, D., Walker, E., Rummel, N., & Koedinger, K. R. (2010, March). Using intelligent tutor technology to implement adaptive support for student collaboration. Educational Psychology Review, 22(1), 89-102. Retrieved Feb 26, 2016, from https://www.researchgate.net/publication/226845840_Using_Intelligent_Tutor_Technology_to_Implement_Adaptive_Support_for_Student_Collaboration
- DORA (2012, December 16). San Francisco Declaration on Research Assessment. Retrieved Feb 6, 2016, from <http://www.ascb.org/dora/>
- Downes, S. (2011). Free Learning: essays on open educational resources and copyright. National Research Council Canada. Retrieved Feb 28, 2016, from <http://www.downes.ca/files/books/FreeLearning.pdf>
- Downes, S. (2012, May 19). Connectivism and Connective Knowledge: essays on meaning

- and learning networks. National Research Council Canada. Retrieved Feb 28, 2016, from http://www.downes.ca/files/books/Connective_Knowledge-19May2012.pdf
- EC (2015). Know your rights - protection from discrimination – 2015. European Commission. Directorate-General for Justice and Consumers. pp. 20. ISBN 978-92-79-47448-4. Retrieved Feb 14, 2016, from http://ec.europa.eu/justice/discrimination/files/rights_against_discrimination_web_en.pdf
- Eco, U. (1984). Postille a "Il nome della rosa" [Postscript to "The name of the rose"]. Milan: Fabri, Bompiani, Sonzogno, Etas. Retrieved Feb 20, 2016, from <http://lelivros.website/book/download-pos-escrito-a-o-nome-da-rosa-umberto-eco-em-epub-mobi-e-pdf/>
- Eco, U. (1989). *The Open Work*. Translated by Anna Cancogni. Cambridge, MA: Harvard University Press. Retrieved Jan 30, 2016, from http://monoskop.org/images/6/6b/Eco_Umberto_The_Open_Work.pdf
- eduFire (2007, October 24). Retrieved Feb 14, 2016, from <http://www.edufire.com/>
- Ellis, D. (2013, November 13). Degrees do not guarantee jobs, people do. *The Telegraph*, November, 13. Retrieved Jan 30, 2016, from <http://www.telegraph.co.uk/education/universityeducation/student-life/10473143/Degrees-do-not-guarantee-jobs-people-do.html>
- Ellsberg, M. (2012, July 12). The Glorious End of Higher Education's Monopoly on Credibility. *Time Inc.* Retrieved Feb 7, 2016, from <http://business.time.com/2012/07/12/the-glorious-end-of-higher-educations-monopoly-on-credibility/>
- Equinet (2015, October 1). Discrimination in the EU in 2015 - Report. Special Eurobarometer 437. European Network of Equality Bodies. pp. 398. ISBN 978-92-79-50342-9. Retrieved Feb 14, 2016, from <http://www.equineteurope.org/Discrimination-in-the-EU-in-2015>
- EU (2012). European Union receives Nobel Peace Prize 2012. Retrieved Feb 14, 2016, from http://europa.eu/about-eu/basic-information/eu-nobel/index_en.htm
- Facebook Inc. (2004, February 4). Retrieved Jan 29, 2016, from <https://www.facebook.com/>
- Feige, K. (Producer), Russo, A. & Russo, J. (Directors). (2016). *Captain America: Civil War* [Motion picture]. United States: Marvel Studios
- Ferrer, C. (2001). European Parliament. Strasbourg. OJ edition (6 September 2001), Retrieved Mar 1, 2016, from <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20010906+ITEMS+DOC+XML+V0//EN&language=EN>
- Filho, M. (2015, December 16). Lula culpa colonizadores por 'atrasos na educação do Brasil' e gera polêmica em Portugal. *BBC Brasil*. Retrieved Jan 30, 2016, from http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151214_lula_colonizadores_mdb
- Forbes (2015, September 1). *The World's Billionaires. 2015 Ranking. #1 Bill Gates \$79.2 B.* Retrieved Jan 9, 2016, from <http://www.forbes.com/billionaires/>
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Retrieved Feb 4, 2016, from http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf
- Freitas, A. (2014, April). The methods of teaching of the best teacher in the world: repetitions or innovations? *Educação em Revista*, 30(2), 209-222. Retrieved Jan 2, 2016, from <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000200010>
- Frias, M. C., & Bilenky, T. (2015, November 21). Lemann diz que polarização política trava avanço do país. Retrieved Jan 1, 2016, from <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1709206-lemann-diz-que-polarizacao-politica-trava-avanco-do-pais.shtml>
- Fuze (1996, October 15). *HD Video Conferencing and Online Meeting*. Retrieved Feb 16, 2016, from <https://www.fuze.com/>
- Glenn, C. (1995). Remapping Rhetorical Territory. *Rhetoric Review*, 13(2), 287–303. Retrieved Feb 4, 2016, from <http://www.jstor.org/stable/465834>
- Gozzo, A. (2009). Problemi Particolari di Didattica delle Scienze Sociali. In Corso di

- Metodologia e Didattica delle Scienze Sociali. Università Ca' Foscari Venezia. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://cird.unive.it/dspace/bitstream/123456789/792/1/Problemi%20particolari%20nella%20didattica%20delle%20scienze%20sociali.pdf>
- Grassi, M., Parrish, C. (Writers), & Winter, G. (Director). (2016, January 25). Strange Visitor From Another Planet. Season 1, Episode 11 [Television series episode] In Grassi, M. (Producer), *Supergirl*. Los Angeles: CBS Television Studios.
- Guerreiro, H. (2012, September 23). Fundações ou como fugir aos impostos e obter dinheiro do estado. Retrieved Feb 15, 2016, from <https://aventar.eu/2012/09/23/fundacoes-ou-como-fugir-aos-impostos-e-obter-dinheiro-do-estado/>
- Hall, A. (2015, November 13). German grandmother, 87, is sentenced to ten months in jail for denying the Holocaust and saying Auschwitz was 'just a labour camp'. *Daily Mail*. Retrieved Feb 6, 2016, from <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3317083/German-grandmother-87-sentenced-ten-months-jail-denying-Holocaust-saying-Auschwitz-just-labour-camp.html>
- Hall, M. P. (1928). *The Secret Teachings of All Ages: An Encyclopedic Outline of Masonic, Hermetic, Qabbalistic and Rosicrucian Symbolical Philosophy*. Retrieved Mar 2, 2016, from <http://www.sacred-texts.com/eso/sta/>
- Hare, J. B. (2010). *Dialogues of Plato*. Retrieved Jan 17, 2016, from <http://www.sacred-texts.com/cla/plato/>
- HEC (2008). Terms & Conditions for Selection if the Best University Teacher Award. The Higher Education Commission. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://hec.gov.pk/InsideHEC/Divisions/AECA/Documents/Revised%20Tersms-conditions.pdf>
- Henthorn-Iwane, A. (2015, July 29). Avoiding Private Cloud Pitfalls. *Data Center Knowledge*. Retrieved Feb 16, 2016, from <http://www.datacenterknowledge.com/archives/2015/07/29/avoiding-private-cloud-pitfalls/>
- Hielkema, H., Arianfar, S., Saarikko, P., Hoque, M., Deng, Y., Kallenbach, J., & Kiravuo, T. (2012, August). Education Reloaded: From Socrates to Udacity - The Consequences of the Internet Changing Human Cognition and Work. *Aalto University Multidisciplinary Institute of Digitalisation and Energy. Future of the Internet - BitBang 4*. pp. 192-214. ISBN: 978-952-60-3609-0. Retrieved Feb 16, 2016, from http://www.academia.edu/2979196/Education_Reloaded_From_Socrates_to_Udacity_-_The_Consequences_of_the_Internet_Changing_Human_Cognition_and_Work
- Instituto Millenium (2016, January 29). Waterboarding: Empreendedores salvarão o Brasil... se não morrerem afogados antes. *Blog do Instituto Millenium. Exame.com. Editora Abril*. Retrieved Feb 13, 2016, from <http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/instituto-millenium/2016/01/29/waterboarding-empreendedores-salvarao-o-brasil-se-nao-morrerem-afogados-antes/>
- IPE (2011, August 18). *Institute for Political Economy. Paul Craig Roberts*. Retrieved Feb 28, 2016, from <http://www.paulcraigroberts.org/>
- italki (2006, March, 6). Retrieved Feb 13, 2016, from <https://www.italki.com/>
- Jarratt, S., & Ong, R. (1995). *Aspasia: Rhetoric, Gender, and Colonial Ideology*. In A. A. Lunsford (Ed.), *Reclaiming Rhetorica: Women in the Rhetorical Tradition*. pp. 9–24. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press. Retrieved Feb 4, 2016, from <https://cris430.files.wordpress.com/2011/09/jarratt-ong-aspasia-rhetoric-gender-and-colonial-ideology.pdf>
- Kessler, J. J. (1900). *Giordano Bruno: The Forgotten Philosopher*. Rationalist Association. Retrieved Apr 1, 2016, from http://infidels.org/library/historical/john_kessler/giordano_bruno.html
- Khan Academy (2006, September). Retrieved Dec 28, 2015, from <https://www.khanacademy.org/>
- Kinberg, S. (Producer), & Scott, R. (Director). (2015). *The Martian* [Motion picture]. United States: Scott Free Productions

- Klein, A (2012, May 6). Why The Flash Based Virtual Classroom Is A Relic Of The Past. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://learnoutlive.com/why-the-flash-based-virtual-classroom-is-a-relic-of-the-past/>
- Klein, J. (2011, June). The Failure of American Schools. The Atlantic. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2011/06/the-failure-of-american-schools/308497/>
- Konnikova, M. (2014, November 7). Will MOOCs be Flukes? The New Yorker. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.newyorker.com/science/maria-konnikova/moocs-failure-solutions>
- Latten, C. (2015, September). Wired educator. Holland Herald – Journeys of Inspiration. pp. 80-82. Retrieved Sep 11, 2015, from http://www.holland-herald.com/emag/september-2015?category_slug=magazine
- Leite, J. (2015, August 27). Os PhDeuses da Universidade. Retrieved Feb 27, 2016, from https://youtu.be/C_-yysQ64tM
- Lions Clubs International (2001, November 21). Retrieved Feb 28, 2016, from https://en.wikipedia.org/wiki/Lions_Clubs_International
- LiveMocha (2007, February 5). Retrieved Feb 13, 2016, from <http://livemocha.com/>
- Lopes, P. (2005). Charlatanices da Pedagogia no Ensino Superior e não só... (Ciclo da Pedagogia I). Sindicato Nacional do Ensino Superior. Retrieved Mar 17, 2016, from <http://www.snesup.pt/cgi-bin/artigo.pl?id=EEVykuVEylGmmRZPoV>
- LVTSPB (2009, March 27). Videoconferencing and telepresence hardware systems meant for multiple participants. In List of video telecommunication services and product brands. Retrieved Feb 17, 2016, from https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_video_telecommunication_services_and_product_brands
- Malcolm X (1963, November 9). Speech. In Malcolm X Speaks: Selected Speeches and Statements (1965) edited by George Breitman. Retrieved Feb 06, 2016, from https://en.wikiquote.org/wiki/Malcolm_X
- Maso, S. (2008). Capire e dissentire, Cicerone e la filosofia di Epicuro. Napoli: Bibliopolis. 367 p. ISBN 9788870885491. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://hdl.handle.net/10278/17868>
- McLaughlin, M. K. (2015, August 4). The Best Video Conferencing Services of 2015. PCMag. Retrieved Feb 16, 2016, from <http://www.pcmag.com/article2/0,2817,2388678,00.asp>
- Memorabilia (2005, March 31). Retrieved Jan 5, 2016, from [https://en.wikipedia.org/wiki/Memorabilia_\(Xenophon\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Memorabilia_(Xenophon))
- Microsoft Corporation (1975, April 4). Retrieved Jan 29, 2016, from <https://www.microsoft.com/>
- Miller, B. (Writer), & Showalter, J. F. (Director). (2014, December 17). Spacewalker. Season 2, Episode 8 [Television series episode] In Alloy Entertainment (Producer), The 100. Los Angeles: CBS Television Studios.
- Moraes, E. C. (2010, July 3). Sócrates: a mosca irritante. Retrieved Dec 26, 2015, from <http://acasadevideo.com/2010/07/03/a-mosca-irritante/>
- Müller, L. (1989, August). Overland. The Perils of Writing Contemporary Political History in Queensland: An Interview with Phil Dickie and Ross Fitzgerald. Issues 114-116. p. 106. Retrieved Mar 2, 2016, from https://books.google.com.ua/books?id=KT8wAQAAIAAJ&q=truth+%22universal+deceit%22&dq=truth+%22universal+deceit%22&hl=en&ei=N6hJTrWFJKuPsALSn6DjCA&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y
- myngle (2007, December). Retrieved Jan 3, 2016, from <http://www.myngle.com/>
- Myngle (2009, August 10). Retrieved Jan 5, 2016, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Myngle>
- Nascimento, M., & Brant, F. (1981). Nos Bailes da Vida [Recorded by Milton Nascimento]. On Caçador de mim [Vinyl record]. São Paulo, SP: Ariola Records
- Oeconomicus (2005, March 31). Retrieved Jan 5, 2016, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Oeconomicus>
- OHCHR (2016, February 5). Julian Assange arbitrarily detained by Sweden and the UK, UN

- expert panel finds. Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=17013&LangID=E>
- Okabe, M. H. (2014, January 21). Revolução da educação ou revolução do ensino? Tempo de aprender! Retrieved Nov 10, 2015, from <http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/revolucao-da-educacao-ou-revolucao-do-ensino-tempo-de-aprender/75173/>
- Open Education Week (2011, September 29). Retrieved Mar 10, 2016, from <http://www.openeducationweek.org/>
- OpenCourseWare (2007, May 6). Retrieved Mar 10, 2016, from <https://en.wikipedia.org/wiki/OpenCourseWare>
- Oswald, E. (2016, February 17). Setting knowledge free: Sci-Hub is The Pirate Bay for research papers. Retrieved Feb 28, 2016, from <http://www.digitaltrends.com/cool-tech/sci-hub-research-piracy/>
- Our Supporters (2016). Retrieved Feb 28, 2016, from <https://www.khanacademy.org/about/our-supporters>
- Peill, E. (Producer), & D'Eon, G. (Director). (2011). Facebook Follies: The Funny, Dramatic & Unexpected Consequences of Social Networking [Motion picture]. Canada: Tell Tale Productions
- Perry, S. (Producer), & Radford, M. (Director). (1984). Nineteen Eighty-Four [Motion picture]. United Kingdom: Umbrella-Rosenblum Films
- Pisanello, L. (2013). Sviluppo, valutazione ed analisi delle competenze trasversali nell'high education. Tesi di Laurea. Università Ca' Foscari Venezia. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://hdl.handle.net/10579/3202>
- Porto, G. (n.d.). Todos os vinhos viram vinagre conforme envelhecem? Química na cozinha. A Graça da Química. Retrieved Feb 27, 2016, from <http://www.agracadaquimica.com.br/index.php?&ds=1&acao=quimica/ms2&i=20&id=695>
- Pownall, F. A. (2003). The Menexenus: Plato's Critique of Political Rhetoric. In *Lessons from the Past: The Moral Use of History in Fourth-Century Prose*. Chapter two. pp. 38-64. Michigan Publishing. Retrieved Feb 4, 2016, from <https://www.press.umich.edu/pdf/0472113275-ch2.pdf>
- Prometric Testing (1990). Retrieved Feb 2, 2016, from <https://www.prometric.com/>
- Ramos, M. (2015, August 27). Aos PhDeuses da Universidade. Blog do Saci-Pererê. Retrieved Feb 27, 2016, from <https://osaciperere.wordpress.com/2015/08/27/aos-phdeuses-da-universidade/>
- Rea Parana (2014, April 3). Programa de Recursos Educacionais Abertos do Paraná. Retrieved Mar 10, 2016, from <http://reaparana.com.br/portal/>
- Rebane, G. (2013, September 12). 11 September 2013. Rebane's Ruminations. Retrieved Sep 29, 2015, from http://rebaneruminations.typepad.com/rebanes_ruminations/2013/09/ruminations-11sep13.html
- Ribeiro, D. (2014). Manual simplificado em dez passos de como dar aulas ruins no curso de Direito. *Revista Jus Navigandi*, ano 21, n. 4615. Retrieved Feb 26, 2016, from <https://jus.com.br/artigos/34511>
- Rich, J., & Smith, M. (2007). Invasion of Privacy Through Internet Monitoring. In L. Burkhart (Ed.), *Confronting Information Ethics in the New Millennium*. pp. 50-57. Boulder, CO: Ethica Publishing. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://www.ethicapublishing.com/5CH6.htm>
- Riffel, C. H. (2014). The Socratic Method Reloaded: How to Make it Work in Large Classes? *Canterbury Law Review*, 20: pp. 123-133. Retrieved Aug 22, 2015, from <http://www.canterbury.ac.nz/spark/researcher.aspx?researcherid=4708391>
- Roberts, P. C. (2004, August 17). Retrieved Feb 28, 2016, from https://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Craig_Roberts

- Roth, R. (2007). The Applicability of Desktop Videoconferencing Systems over Broadband Networks to Support the b-learning Education System. UA. 61 p. Retrieved Feb 15, 2016, from <http://hdl.handle.net/10773/11350>
- Roth, R. (2011). The Demonstration Effect for the Creation of Learning and Conversation Networks within the Realm of Creative Chaos. UTL. 130 p. Retrieved Feb 2, 2016, from <http://hdl.handle.net/10400.5/5920>
- Roth, R. (2013). Implementation Strategies and Development of an Open and Distance Education System for the University of the Azores. UAC, 162 p. Retrieved Jan 29, 2016, from <http://hdl.handle.net/10400.3/2327>
- Roth, R. (2014). Technology Integration at a Crossroads: Dead End Street or New Horizons? TOJDEL, 2(4), pp. 112-140. ISSN: 2147-6454. Retrieved Jan 29, 2016, from <http://www.tojdel.net/volume.php?volume=2&issue=4>
- Roth, R. (2015a). Institutional Strategies and Practices for Integrating Learning Technologies in the Inner, Outer and Virtual Spaces. IJLTER, 12(3), pp. 80-97, 2015. ISSN: 1694-2116. Retrieved Feb 3, 2016, <http://ijlter.org/index.php/ijlter/issue/view/19>
- Roth, R. (2015b). Frameworks for Integration of Digital Technologies at the Roadside: Innovative Models, Current Trends and Future Perspectives. IJLTER, 13(2), pp. 37-54. ISSN: 1694-2116. Retrieved Jan 29, 2016, from <http://ijlter.org/index.php/ijlter/issue/view/21>
- Roth, R. (2015c). The Impacts on the Educational Landscape ahead the Free Internet Offers, Traps and Surveillance that Threatens the Safety and Privacy on the Web. IJLTER, 10 (3), 102-127, 2015. ISSN: 1694-2116. Retrieved Mar 11, 2016, from <http://ijlter.org/index.php/ijlter/issue/view/12>
- Sapelli, F. (2011). Modern Hero Manifesto. In: Innovación para el empoderamiento ciudadano a través de las TIC. Fundación Cibervoluntarios. Retrieved Jan 29, 2016, from <http://www.mas-business.com/docs/Empoderamiento%20ciudadano.pdf>
- Schröder, I. (2002). European Parliament. Strasbourg. OJ edition (23 October 2002), Retrieved Mar 3, 2016, from <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20021023+ITEMS+DOC+XML+V0//EN&language=EN>
- Sci-Hub (2011, September 5). Removing barriers in the way of science. Retrieved Feb 28, 2016, from <http://sci-hub.io/>
- Sci-Hub (2015). Retrieved Feb 28, 2016, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Sci-Hub>
- Seshachala, S. (2015, March 17). Disadvantages of Cloud Computing. Cloud Academy. Retrieved Feb 16, 2016, from <http://cloudacademy.com/blog/disadvantages-of-cloud-computing/>
- Shahsavari, Z., & Hoon, T. B. (2013, January). Pedagogical Blogging: Promoting Tertiary Level Students' Critical Thinking by Using Socratic Questions. ELTWorldOnline.com. 5, 1-21. Retrieved Feb 28, 2016, from <https://blog.nus.edu.sg/eltwo/files/2015/10/0501-SHAHSAVAR-TAN-Pedagogical-Blogging-2b97h3t.pdf>
- Sherman, J. R. (1982). Rejection. pp. 87. ISBN: 093553802X. Golden Valley, Minnesota: Pathway Books.
- Siddiqui, S. (2008, March 24). Politics of discourse. DAWN Media Group. Retrieved Mar 3, 2016, from <http://www.dawn.com/news/1071029>
- Silva, A. C. B. (2011). Ser professor universitário em tempos de mudança: a profissão acadêmica e suas reconfigurações. Tese de Doutorado, Educação (Administração e Política Educacional), Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://hdl.handle.net/10451/4633>
- Silver, J. (Producer), & Wachowski Brothers (Directors). (1999). Matrix [Motion picture]. United States: Village Roadshow Pictures
- Silver, J. (Producer), & Wachowski Brothers (Directors). (2003a). Matrix Reloaded [Motion picture]. United States: Village Roadshow Pictures
- Silver, J. (Producer), & Wachowski Brothers (Directors). (2003b). Matrix Revolutions [Motion picture]. United States: Village Roadshow Pictures
- SMRP (2004, January 30). Socratic Method Research Portal. Retrieved Mar 19, 2016, from

- <http://www.socraticmethod.net/>
- Southwell, B. (Director). (2014, April 19). Robots. Season 1, Episode 1 [Television series episode] In *The Real History of Science Fiction*. New York: BBC America
- Souza, M. (2016, February 3). Escolas de MS vão testar ensino sem provas e aulas. UOL Educação. Retrieved Feb 3, 2016, from <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/03/escolas-de-ms-vaio-testar-ensino-sem-provas-e-aulas-no-ensino-medio.htm>
- Strauss, V. (2012, July 27). Does the Khan Academy know how to teach? The Washington Post. Retrieved Jan 30, 2016, from https://www.washingtonpost.com/blogs/answer-sheet/post/how-well-does-khan-academy-teach/2012/07/27/gJQA9bWEAX_blog.html
- Symposium (2005, March, 13). Retrieved Jan 5, 2016, from [https://en.wikipedia.org/wiki/Symposium_\(Xenophon\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Symposium_(Xenophon))
- Tchoshanov, M. (2013). *Engineering of Learning: Conceptualizing e-Didactics*. Moscow: UNESCO Institute for Information Technologies in Education. Retrieved Feb 2, 2016, from <http://iite.unesco.org/pics/publications/en/files/3214730.pdf>
- Teixeira, A., Hessel, C., & Oliveira, D. (2008, April 14). O legado de Lemann. *Revista Época Negócios*, Edição 14. Retrieved Jan 2, 2016, from <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Epocanegocios/0,,EDR82833-8374,00.html>
- Tesi di dottorato. Università Ca' Foscari Venezia. Retrieved Feb 10, 2016, from <http://hdl.handle.net/10579/1110>
- The Apology (1998, January 1). Project Gutenberg. Retrieved Jan 5, 2016, from <http://www.gutenberg.org/ebooks/1171>
- The Clouds (2001, March 1). Project Gutenberg. Retrieved Jan 5, 2016, from <http://www.gutenberg.org/ebooks/2562>
- The Clouds (2002, December 13). Retrieved Jan 2, 2016, from https://en.wikipedia.org/wiki/The_Clouds
- The Economist by Xenophon (1998, January 1). Project Gutenberg. Retrieved Jan 5, 2016, from <http://www.gutenberg.org/ebooks/1173>
- The Memorable Thoughts of Socrates (2006, January 10). Project Gutenberg. Retrieved Jan 5, 2016, from <http://www.gutenberg.org/ebooks/17490>
- The Symposium by Xenophon (1998, January 1). Project Gutenberg. Retrieved Jan 5, 2016, from <http://www.gutenberg.org/ebooks/1181>
- Tucker, J. P., & Neely, P. W. (2010, June). Using Web Conferencing and the Socratic Method to Facilitate Distance Learning. *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*. 7(6), pp. 15-22. Retrieved Feb 26, 2016, from http://www.itdl.org/Journal/Jun_10/article02.htm
- VoxSwap (2007, August 30). Retrieved Feb 13, 2016, from <http://www.voxswap.com/>
- Vyew (2005, October, 6). Retrieved Feb 13, 2016, from <http://vyew.com/>
- Wauters, R. (2009, Mar 4). Language E-Learning Startup Myngle Secures €1 Million Euros. *TechCrunch*. Retrieved Feb 13, 2016, from <http://techcrunch.com/2009/03/04/language-e-learning-startup-myngle-secures-e1-million-euros/>
- Weinberg, M. (2012, February 1). O mundo de um novo ângulo. *Revista Veja*, Edição 2254. Retrieved Jan 2, 2016, from Nov 18, 2915 from <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx?edicao=2254&pg=64>
- Winter, A. (Producer), & Winter, A. (Director). (2015). *Deep Web: The Untold Story of BitCoin and Silk Road* [Motion picture]. United States: Epix network
- Winter, E. C., & McGhie-Richmond, D. (2005, April). Using computer conferencing and case studies to enable collaboration between expert and novice teachers. 21(2), 118-129. Retrieved Feb 26, 2016, from https://www.researchgate.net/publication/220663357_Using_computer_conferencing_and_case_studies_to_enable_collaboration_between_expert_and_novice_teachers
- WiziQ (2005, April 28). Retrieved Feb 14, 2016, from <https://www.wiziq.com/>

- Wong, A. (2015, May 29). 'Deep Web' Director Alex Winter on Silk Road Boss's Harsh Sentence: 'A Stunner'. Motherboard. Vice Media LLC. Retrieved Feb 7, 2016, from <http://motherboard.vice.com/read/deep-web-director-alex-winter-on-silk-road-bosss-harsh-sentence-a-stunner>
- Yankee, A. (2013, January 4). Dialética Socrática: Método da Ironia e Maiêutica. Retrieved Jan 12, 2016, from <https://andersonyankee.wordpress.com/2013/01/04/dialetica-socratica-metodo-da-ironia-e-maieutica/>
- Zarour, P. M. (2015, September 24). Crítica: Perdido em Marte. Jovem Nerd. Retrieved Feb 16, 2016, from <http://jovemnerd.com.br/nerd-news/critica-perdido-em-marte/>